silêncio

BECCA FITZPATRICK

silêncio

HUSH, HUSH

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO

intrínseca

Copyright © 2011 Becca Ajoy Fitzpatrick

TÍTULO ORIGINAL
Silence

REVISÃO
Shirley Lima
Clarissa Peixoto

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F583s

Fitzpatrick, Becca
Silêncio / Becca Fitzpatrick ; tradução de Débora Isidoro. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.
304p. : 23 cm.
(Hush, hush ; v.3)

Tradução de: Silence
ISBN 978-85-8057-131-8

1. Sobrenatural - Ficção. 2. Anjos - Ficção. 3. Ficção americana. I. Isidoro, Débora. II. Título. III. Série.

11-7857. CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/301
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Riley e Jace

PRÓLOGO

COLDWATER, MAINE
TRÊS MESES ATRÁS

O Audi preto reluzente parou em uma vaga do estacionamento com vista para o cemitério, mas nenhum dos três homens dentro dele estava ali para prestar homenagem aos mortos. Passava da meia-noite e o local estava oficialmente fechado. Uma estranha névoa de verão pairava tênue e lúgubre, como uma fileira de fantasmas despertando. A lua, fina, lembrava uma pálpebra semicerrada. Antes que a poeira da estrada baixasse, o motorista saltou do carro e abriu rapidamente a porta traseira.

Blakely saiu primeiro. Era alto, com cabelos grisalhos e um rosto duro, retangular — tinha quase trinta anos humanos, mas, pela contagem nefilim, era muito mais velho. Ele foi seguido por outro nefilim, chamado Hank Millar. Hank também era incomumente alto, tinha cabelos louros, olhos azuis e uma beleza carismática. Seu lema era "Justiça acima de misericórdia", e isso, combinado à rápida ascensão ao poder no submundo nefilim nos últimos anos, rendera-lhe apelidos como Punho da Justiça, Punho de Ferro e, o mais famoso, Mão Negra. Ele era aclamado entre seu povo como um líder visionário, um salvador. Mas em círculos menores e secretos era chamado em voz baixa de Mão de Sangue. Entre sussurros, se falava não de um redentor, mas de um ditador implacável. Hank se divertia com esses cochichos nervosos: um verdadeiro ditador tinha poder absoluto e nenhuma oposição. Ele esperava um dia corresponder a essas expectativas.

Hank acendeu um cigarro e deu uma longa tragada.

— Meus homens estão reunidos?

— Dez homens na floresta acima de nós — Blakely respondeu. — Outros dez em carros nas duas saídas. Cinco estão escondidos em diferentes pontos dentro do cemitério: três pouco além das portas do mausoléu e dois na cerca. Mais um elemento, e estaríamos nos entregando. Certamente o cara que você vai encontrar trará os próprios reforços.

Hank sorriu na escuridão.

— Duvido.

Blakely piscou.

— Trouxe vinte e cinco dos seus melhores guerreiros nefilins para enfrentar um homem só?

— Ele não é um homem — Hank lembrou. — Não quero que nada dê errado esta noite.

— Temos Nora. Se ele lhe causar algum problema, ponha-o para falar com ela ao telefone. Dizem que os anjos não conseguem sentir o toque, mas emoções são outra história. Tenho certeza de que ele sentirá quando ela gritar. Dagger está a postos, esperando.

Hank olhou para Blakely e deu um lento sorriso de aprovação.

— Dagger a está vigiando? Ele não é muito normal.

— Você disse que queria acabar com a alegria dela.

— Eu disse, não disse? — Hank murmurou.

Quatro dias haviam se passado desde que ele a capturara, arrancando-a de uma sala de máquinas no parque de diversões Delphic, mas já havia determinado exatamente as lições que ela precisava aprender. A primeira: nunca desrespeitar sua autoridade diante dos homens que ele comandava. A segunda: prestar devoção a sua linhagem nefilim. A terceira, e talvez mais importante: demonstrar respeito por seu pai.

Blakely entregou a Hank um pequeno aparelho com um botão no centro, que brilhava em um tom sobrenatural de azul.

— Ponha isso no bolso. Pressione o botão azul e seus homens vão aparecer correndo de todos os cantos.

— Isso foi feito com artes do mal? — perguntou Hank.

Um movimento afirmativo com a cabeça.

— Foi projetado para imobilizar o anjo temporariamente. Não sei dizer por quanto tempo. É um protótipo, ainda não consegui testá-lo completamente.

— Falou sobre isso com alguém?

— O senhor me deu ordens para não falar.

Satisfeito, Hank guardou o aparelho no bolso.

— Agora deseje-me boa sorte, Blakely.

O amigo deu-lhe um tapinha no ombro.

— Você não precisa disso.

Jogando fora o cigarro, Hank desceu os degraus de pedra para o cemitério, uma área coberta por uma neblina tão densa que tornava inútil seu vantajoso ponto de observação. Ele esperava ver o anjo primeiro, de cima, mas se conformava com a ideia de ter a proteção de sua própria milícia, cuidadosamente escolhida e treinada.

Na base dos degraus, Hank observou as sombras com atenção. Uma garoa fina havia começado a cair e dispersava a névoa, permitindo enxergar as enormes lápides e as árvores retorcidas. O cemitério havia crescido desordenadamente, quase como um labirinto. Agora Hank entendia por que Blakely sugerira aquele lugar. A probabilidade de olhos humanos testemunharem acidentalmente os eventos daquela noite era mínima.

Ali. Bem à sua frente. O anjo estava apoiado em uma lápide, mas, ao avistar Hank, ele se endireitou. Vestido inteiramente de preto, incluindo uma jaqueta de couro estilo motoqueiro, era difícil distingui-lo entre as sombras. Não se barbeava havia dias, o cabelo estava despenteado e revolto, e havia linhas de preocupação em torno de sua boca. Andara chorando o desaparecimento da namorada, então? Melhor assim.

— Você está com uma aparência um pouco ruim... *Patch*, não é? — Hank falou, parando a alguns passos dele.

O anjo sorriu, mas não era um sorriso simpático.

— Achei que você também estaria há algumas noites sem dormir. Afinal, ela é sua carne, seu sangue. Mas parece que não tem sido privado de seu sono de beleza. Rixon sempre disse que você era um cara boa-pinta.

Hank não reagiu ao insulto. Rixon era o anjo caído que costumava possuir seu corpo todos os anos no mês do Cheshvan, e provavelmente tinha morrido. Depois que ele se fora, não havia nada no mundo que amedrontasse Hank.

— Então, o que tem para mim? Espero que seja alguma coisa boa.

— Fui visitar sua casa, mas você se escondeu com o rabo entre as pernas e levou sua família junto.

O anjo falava em um tom de voz baixo, que vibrava com uma nota que Hank não conseguia interpretar. Algo entre o desprezo e a ironia.

— Sim, achei que você poderia tentar alguma coisa precipitada. Olho por olho, não é essa a doutrina dos anjos caídos? — Hank não conseguia dizer se a atitude fria e desdenhosa do anjo o impressionava ou irritava. Esperava encontrá-lo aflito e desesperado. No mínimo, esperava conseguir provocá-lo e induzi-lo à violência.

Qualquer desculpa serviria para seus homens aparecerem. Nada como um banho de sangue para estimular a camaradagem. —Vamos pular as amenidades. Diga que me trouxe alguma coisa útil.

O anjo deu de ombros.

— Brincar de gato e rato com você foi insignificante, comparado a descobrir onde escondeu sua filha.

Os músculos da mandíbula de Hank se contraíram.

— Não era esse o nosso trato.

— Vou conseguir a informação de que precisa — respondeu o anjo em um tom que pareceria casual, não fosse o brilho gelado em seus olhos. — Mas, antes, liberte Nora. Telefone para seus homens agora.

— Preciso ter a garantia de que você vai cooperar em longo prazo. Vou mantê-la presa até que cumpra sua parte no acordo.

Os cantos da boca do anjo se ergueram, mas aquilo estava longe de ser um sorriso. Havia algo de realmente ameaçador em sua expressão.

— Não estou aqui para negociar.

— Nem está em posição para isso. — Hank levou a mão ao bolso da camisa e pegou o celular. — Estou sem paciência. Se veio me fazer perder tempo, sua namorada vai ter momentos bem desagradáveis. Um telefonema, e ela fica sem comida...

Antes que tivesse tempo de cumprir a ameaça, Hank sentiu que caía para trás. Os braços do anjo se moveram, e todo o ar escapou do corpo de Hank em um único sopro. Sua cabeça se chocou contra alguma coisa sólida, e uma onda negra turvou sua visão.

— É assim que vai funcionar — murmurou o anjo.

Hank tentou reunir forças para gritar, mas a mão do anjo apertava seu pescoço. Hank esperneou e chutou, mas foi inútil; o anjo era forte demais. Ele tentou apertar o botão do pânico no bolso, mas seus dedos tateavam inutilmente. O anjo havia fechado a passagem de ar, impedindo sua respiração. Seus olhos latejavam, e ele sentia como se uma pedra tivesse esmagado seu peito.

Em um lampejo de inspiração, Hank invadiu a mente do anjo, esgarçando a malha que formava seus pensamentos, concentrando-se com firmeza em redirecionar as intenções do oponente, enfraquecer sua motivação, o tempo todo sussurrando um hipnótico *Solte Hank Millar, solte-o agora...*

— Um truque de mente? — debochou o anjo. — Nem perca seu tempo. Telefone — ordenou. — Se ela for libertada nos próximos dois minutos, eu mato você rapidamente. Se demorar mais do que isso, acabo com você bem devagar, um pedaço de cada vez. E pode acreditar que vou adorar cada grito que você deixar escapar.

— Você não pode... me... matar — arquejou Hank.

Ele sentiu uma dor aguda explodindo em sua face. Tentou gritar, mas o som não saiu de seus lábios. Sua garganta estava esmagada, comprimida pela força do anjo. A dor aguda e quente se intensificava e se espalhava em todas as direções. Hank sentia o cheiro de sangue misturado ao próprio suor.

— Um pedaço de cada vez — repetiu o anjo num sussurro ameaçador, balançando uma folha de papel encharcada em um líquido escuro diante de Hank.

Hank arregalou os olhos. Não era papel! Era *sua pele*!

— Telefone para seus homens — o anjo repetiu, soando ainda mais impaciente.

— Não consigo... falar! — Hank arfou.

Se ao menos ele conseguisse alcançar o botão do pânico...

Jure que vai soltá-la agora, e eu deixo você falar. A ordem do anjo invadia com facilidade sua cabeça.

Está cometendo um erro terrível, garoto, Hank respondeu. Seus dedos alcançaram o bolso. Ele agarrou o aparelho.

O anjo soltou um grunhido impaciente, arrancou o objeto brilhante da mão de Hank e o jogou longe, na neblina.

Jure ou seu braço será o próximo.

Hank devolveu:

Mantenho nosso acordo inicial. Poupo a vida dela e desisto definitivamente de vingar a morte de Chauncey Langeais se você me trouxer a informação de que preciso. Até lá, prometo tratá-la com humanidade...

O anjo bateu com a cabeça de Hank no chão. Em meio à náusea e à dor, Hank o ouviu dizer:

Não vou permitir que ela fique com você nem mais cinco minutos, muito menos o tempo necessário para eu conseguir o que você quer.

Hank tentou olhar por cima do ombro do anjo, mas tudo que enxergava era uma barreira de lápides. Patch o mantinha no chão, onde não podia ser visto por seus homens. Hank não acreditava que o anjo seria capaz de matá-lo — ele era imortal —, mas não ficaria ali deitado deixando-se mutilar até parecer um cadáver.

Ele franziu os lábios e ficou encarando Patch.

Nunca vou me esquecer de como ela gritou alto quando a arrastei comigo. Sabia que ela gritou seu nome? Muitas vezes. Ela disse que você iria salvá-la. Isso foi nos primeiros dias, é claro. Acho que ela está finalmente começando a aceitar a ideia de que você não é páreo para mim.

Ele viu o rosto do anjo escurecer como se fosse inundado por sangue. Seus ombros tremiam, as pupilas pretas foram dilatadas pela raiva. E depois tudo acon-

teceu numa chocante agonia. Em um momento Hank estava quase perdendo os sentidos com a dor de sua pele sendo socada e, no outro, olhava para os punhos do anjo, agora manchados com seu sangue.

Um uivo ensurdecedor brotou do corpo de Hank. A dor explodiu dentro dele e quase o fez perder a consciência. De algum lugar distante, ele ouviu os passos rápidos de seus capangas nefilins.

— *Tirem-no... de cima... de mim!* — ele rosnou enquanto o anjo atacava seu corpo.

Todas as terminações nervosas de Hank queimavam. Calor e agonia vazavam por seus poros. Ele olhou para a própria mão, mas não havia carne — apenas ossos deformados. O anjo iria mesmo destroçá-lo, fazê-lo em pedaços. Ele ouvia os grunhidos de esforço dos comandados, mas o anjo ainda estava sobre seu corpo, as mãos queimando como fogo em todos os lugares que tocavam.

Hank praguejava com fúria.

— *Blakely!*

— Tirem-no daí *agora!* — Blakely ordenou com firmeza aos homens.

Finalmente, o anjo foi arrancado de cima dele. Hank ficou deitado no chão, ofegante. Estava banhado de sangue, a dor queimando-o como ferro em brasa. Afastando com um tapa a mão estendida de Blakely, ele se levantou com esforço. Sentia-se instável, balançando de um lado para outro, intoxicado pelo próprio sofrimento. Pelo jeito como os homens olhavam para ele, sabia que devia estar horrível. Considerando a gravidade dos ferimentos, talvez precisasse de até uma semana para se curar, mesmo contando com a ajuda das artes do mal.

— Devemos levá-lo, senhor?

Hank tocou com um lenço o lábio, que estava aberto, pendurado no rosto como uma massa disforme.

— Não. Ele não vai ter utilidade para nós se ficar preso. Avise a Dagger que a menina não deve receber nada além de água nas próximas 48 horas. — Sua respiração era entrecortada. — Se nosso garoto aqui não coopera, ela paga.

Blakely concordou com a cabeça, virou-se de costas e pegou o celular no bolso.

Hank cuspiu um dente ensanguentado, examinou-o em silêncio, depois o guardou no bolso. Seus olhos se fixaram no anjo, cujo único sinal exterior de fúria era a força com que mantinha os punhos cerrados.

— Mais uma vez, estes são os termos do nosso acordo, para que não haja mais nenhum mal-entendido: primeiro, você vai recuperar a confiança dos anjos caídos, vai voltar a fazer parte da organização deles...

— Vou matar você — o anjo avisou em tom baixo.

Contido por cinco homens, ele não se debatia mais. Estava mortalmente quieto, os olhos negros brilhando, com sede de vingança. Por um momento, Hank sentiu uma fagulha de medo se acender como um fósforo em suas entranhas.

Mas ainda demonstrava certa indiferença fria.

— ...e depois disso, vai espioná-los e relatar todos os movimentos do grupo diretamente a mim.

— Eu juro — o anjo falou com a respiração controlada, mas um pouco ruidosa —, com esses homens como minhas testemunhas, que não vou descansar enquanto você não estiver morto.

— Poupe seu fôlego. Você não pode me matar. Não se lembra de quem um nefilim recebe sua herança imortal?

Um murmúrio divertido circulou entre os homens, mas Hank os silenciou com um gesto.

— Quando determinei que você deveria me dar informação suficiente para impedir anjos caídos de possuírem corpos de nefilins no próximo Cheshvan...

— Cada coisa que você fizer com ela, eu retribuirei multiplicada por dez.

A boca de Hank se contorceu, como se esboçasse um sorriso.

— Um esforço desnecessário, não acha? Quando eu acabar com ela, a mocinha não vai nem saber o seu nome.

— Lembre-se deste momento — o anjo falou com veemência gelada. — Ele vai voltar para assombrar você.

— Chega! — Hank fez um gesto de desgosto e se preparou para voltar ao carro. — Ele deve ser levado ao parque de diversões Delphic. O objetivo é que esteja novamente entre os caídos o mais depressa possível.

— Pode ficar com as minhas asas.

Hank parou, sem saber se ouvira o anjo corretamente. E riu.

— O quê?

— Jure soltar Nora imediatamente, e elas serão suas. — O anjo parecia desesperado, demonstrando o primeiro sinal de derrota. Música para os ouvidos de Hank.

— Que utilidade suas asas teriam para mim? — replicou ele, em um tom mais moderado.

Mas o anjo havia despertado seu interesse. Até onde sabia, *nenhum* nefilim jamais havia arrancado as asas de um anjo. De vez em quando, acontecia entre eles mesmos, mas a ideia de um nefilim com esse poder era uma grande novidade. Uma grande tentação. Relatos de sua conquista invadiriam os lares nefilins da noite para o dia.

— Você vai pensar em alguma coisa — disse o anjo com um cansaço cada vez maior.

— Juro soltá-la antes do Cheshvan — Hank propôs, banindo da voz todo e qualquer sinal de ansiedade, sabendo que revelar seu entusiasmo seria desastroso.

— Não é o suficiente.

— Suas asas podem se tornar um belo troféu, mas tenho objetivos muito maiores. Eu a soltarei no fim do verão, essa é minha oferta final. — Ele se virou e começou a andar, contendo o entusiasmo.

— Aceito — respondeu o anjo resignado, e Hank deixou o ar sair lentamente dos pulmões.

Ele se virou.

— Como isso pode ser feito?

— Seus homens a arrancarão.

Hank abriu a boca para discutir, mas o anjo o interrompeu.

— Elas são fortes. Se eu não resistir, nove ou dez homens juntos podem removê-las. Voltarei a viver sob o Delphic e farei circular a notícia de que os arcanjos arrancaram minhas asas. Mas, para que isso dê certo, você e eu não podemos ter nenhuma ligação — ele avisou.

Sem demora, Hank sacudiu algumas gotas de sangue da mão desfigurada sobre a grama a seus pés.

— Juro libertar Nora antes do fim do verão. Se quebrar minha promessa, serei punido com a morte e o retorno ao pó, do qual fui criado.

O anjo despiu a camiseta e apoiou as mãos nos joelhos. Seu peito se inflava a cada respiração. Com uma coragem que Hank ao mesmo tempo detestava e invejava, o anjo disse a ele:

— Vá em frente.

Hank teria adorado fazer as honras, mas o cansaço o venceu. Não podia ter certeza de que não havia nele resquícios de magia do mal. Se o lugar onde as asas de um anjo se fundiam com suas costas era tão receptivo quanto sugeriam os boatos, um simples toque poderia denunciá-lo. Havia trabalhado muito duro para se permitir cometer deslizes àquela altura do jogo.

Dominando o ressentimento, Hank ordenou a seus homens:

— Arranquem as asas do anjo e limpem toda a sujeira. Depois joguem-no no portão do Delphic, onde certamente será encontrado. E tomem cuidado para que ninguém os veja.

Teria gostado de mandá-los marcar o anjo com seu símbolo, um punho fechado. Uma demonstração visível de triunfo que certamente elevaria seu status entre os nefilins de todos os lugares, mas o anjo tinha razão. Para que tudo desse certo, não poderiam deixar para trás nenhuma evidência de associação.

De volta ao carro, Hank olhou para o cemitério. Já havia acabado. O anjo estava prostrado no chão, sem camisa, com dois ferimentos abertos que se estendiam por todo o comprimento de suas costas. Embora não tivesse sentido dor, seu corpo parecia ter entrado em choque com a perda. Hank também ouvira dizer que as cicatrizes das asas de um anjo caído eram seu calcanhar de aquiles. Os rumores pareciam verdadeiros.

— Devemos encerrar a noite? — Blakely perguntou enquanto o seguia.

— Mais um telefonema — Hank respondeu com uma nota de ironia. — Para a mãe da garota.

Ele digitou os números e levou o telefone à orelha. Depois tossiu duas vezes, adotando um tom preocupado e tenso.

— Blythe, querida, acabei de receber seu recado. Estava de férias com minha família e estou a caminho do aeroporto agora. Vou sair daqui no primeiro voo. Por favor, conte-me tudo. O que você quis dizer com sequestrada? Tem certeza? O que a polícia falou? — Ele parou, ouvindo os soluços angustiados. — Escute — disse com firmeza —, estou aqui para apoiar você em tudo. Vou esgotar todos os recursos ao meu alcance, se for necessário. Se Nora está por aí em algum lugar, nós a encontraremos.

CAPÍTULO 1

COLDWATER, MAINE
NOS DIAS DE HOJE

MESMO COM OS OLHOS FECHADOS, EU SOUBE QUE estava em perigo.

Acordei com o barulho abafado de passos se aproximando. Ainda havia um resquício de sono, o que prejudicava minha concentração. Eu estava deitada de costas, e o frio atravessava minha blusa.

Meu pescoço formava um ângulo doloroso, e então abri os olhos. Pedras estreitas se erguiam na névoa escura. Por um momento de estranha suspensão, a imagem de dentes tortos surgiu em minha mente, mas em seguida entendi o que realmente eram aquelas formas. Lápides.

Fiz um esforço para me sentar, mas minhas mãos escorregaram na grama molhada. Lutando contra a sonolência que ainda me deixava confusa, rolei por sobre um túmulo coberto de terra, tateando o espaço nebuloso. Os joelhos da minha calça ficaram ensopados enquanto eu engatinhava entre as sepulturas e os monumentos dispostos aleatoriamente. Fui retomando aos poucos a consciência, mas deixei esses pensamentos de lado; não conseguia me concentrar com a dor lancinante que se espalhava em minha cabeça.

Rastejei ao longo de uma cerca de ferro, espalhando uma camada de folhas em decomposição acumulada durante anos. Um uivo fantasmagórico veio do alto, mas, apesar de me causar arrepio, não era o som que mais me amedrontava. Os passos amassavam a grama atrás de mim, mas eu não conseguia definir se estavam perto ou longe. Um grito cortou o ar, e tentei me mover mais depressa. Sabia instintivamente que precisava me esconder, mas me sentia desorientada; a escuridão

não me permitia enxergar com nitidez, e a névoa escura e sinistra projetava fantasmas diante dos meus olhos.

A distância, entre duas fileiras de árvores finas e altas, um mausoléu de pedra branca brilhava no meio da noite. Consegui ficar de pé e corri para lá.

Passei por entre dois monumentos de mármore e, quando saí do outro lado, ele esperava por mim. Uma silhueta alta com o braço erguido para o ataque. Tropecei ao tentar recuar. Quando caí, percebi meu erro: era uma estátua. Um anjo sobre um pedestal, um guardião dos mortos. Eu teria deixado escapar uma risada nervosa, mas minha cabeça bateu contra alguma coisa muito dura, e tive a impressão de que o mundo girava. A escuridão envolveu minha visão.

Não devo ter passado muito tempo desacordada. Quando o breu da inconsciência se dissipou, eu ainda arfava por conta do esforço da corrida. Sabia que precisava me levantar, mas não conseguia me lembrar por quê. Então fiquei ali deitada, sentindo a umidade fria do orvalho se misturar ao suor morno em minha pele. Depois de algum tempo, pisquei, e então a lápide mais próxima tomou forma diante dos meus olhos. As letras do epitáfio surgiram em linhas retas.

HARRISON GREY
MARIDO E PAI DEDICADO
MORTO EM 16 DE MARÇO DE 2008

Mordi o lábio para conter o grito. Agora entendia a sombra familiar espreitando sobre meu ombro desde que eu despertara, minutos antes. Eu estava no cemitério de Coldwater. Ao lado do túmulo de meu pai.

Um pesadelo, pensei. *Eu ainda não acordei. Isso tudo é só um sonho horrível.*

O anjo me observava, as asas lascadas abertas em suas costas, o braço direito apontando para o outro lado do cemitério. Seu rosto parecia cuidadosamente inexpressivo, mas a curva dos lábios era mais cruel que benevolente. Por um momento, quase consegui me convencer de que ele era real e de que eu não estava sozinha.

Sorri para ele, depois senti meu lábio tremer. Passei a manga da blusa pelo rosto para enxugar as lágrimas, embora nem me lembrasse de haver começado a chorar. Queria desesperadamente me aninhar em seus braços, sentir o ar deslocado pelo bater das asas enquanto ele levantava voo, levando-me para além dos portões e para longe daquele lugar.

Ouvir novamente o barulho dos passos me arrancou do estupor. Agora soavam mais rápidos e pesados, esmagando a grama.

Virei-me na direção do som, surpresa com a luz que piscava na escuridão ene-voada. O facho de luz subia e descia, acompanhando o ritmo dos passos — *crunch... vuish... crunch... vuish...*

Uma lanterna.

Apertei os olhos quando a luz parou em meu rosto, cegando-me por um instante. Nesse momento, fui invadida pela terrível constatação de que não estava sonhando.

— Ei — disse a voz irritada de um homem escondido atrás da claridade da lanterna. — Não pode ficar aqui. O cemitério está fechado.

Desviei o rosto, mas pontos luminosos ainda dançavam diante dos meus olhos.

— Quantos estão por aí? — ele exigiu saber.

— O quê? — Minha voz era um sussurro seco.

— Quantos estão aqui com você? — ele insistiu mais agressivo. — Pensaram que podiam vir para cá e ter uma noite divertida, não é? Esconde-esconde, certo? Ou estão brincando de fantasmas entre os túmulos? Não no meu plantão, de jeito nenhum!

O que eu estava fazendo ali? Tinha ido visitar meu pai? Revirei a memória, mas ela parecia inquietantemente vazia. Não conseguia me lembrar de ter ido ao cemitério. Não conseguia me lembrar de quase nada. Era como se a noite inteira tivesse sido arrancada de baixo dos meus pés.

Pior. Eu não conseguia me lembrar nem da manhã.

Não me lembrava de ter me vestido, comido, ido à escola. Não sabia nem se era dia útil ou fim de semana.

Contive momentaneamente o pânico, concentrei-me em recuperar a compostura e aceitei a mão estendida do desconhecido. Assim que me sentei, a luz da lanterna me iluminou novamente.

— Quantos anos você tem? — perguntou ele.

Finalmente alguma coisa que eu sabia responder.

— Dezesseis.

Quase dezessete. Meu aniversário estava chegando, em agosto.

— O que está fazendo aqui sozinha? Não sabe que já passou da hora de ir para casa?

Olhei em volta sem saber o que fazer.

— Eu...

— Não está fugindo, está? Por favor, diga que tem um lugar para onde ir.

— Sim.

A casa de fazenda. A lembrança repentina do lugar onde eu morava animou meu coração, mas em seguida senti meu estômago embrulhar. Eu estava na rua de-

pois da hora? *Quanto* tempo depois? Tentei sem sucesso não pensar na expressão furiosa de minha mãe quando eu chegasse em casa.

— "Sim" quer dizer que você tem um endereço?

— Hawthorne Lane.

Tentei me levantar, mas cambaleei quando o sangue circulou com mais liberdade, chegando à minha cabeça. Por que não conseguia me lembrar de como tinha ido parar ali? Certamente eu estava de carro. Mas onde estacionara o Fiat? E onde estava minha bolsa? As chaves?

— Andou bebendo? — perguntou o homem, desconfiado.

Neguei com a cabeça.

O facho de luz fora desviado alguns centímetros do meu rosto, mas, de repente, voltou a iluminar em cheio a área entre meus olhos.

— Espere um segundo — disse ele, e havia em sua voz um tom que não me agradava nem um pouco. — Você não é aquela garota, é? Nora Grey — anunciou, como se meu nome fosse uma resposta fabulosa e impressionante.

Recuei um passo.

— Como... sabe meu nome?

— A televisão. A recompensa. Hank Millar anunciou a oferta.

Nem ouvi o que ele disse em seguida. Marcie Millar era o que eu tinha de mais próximo de uma arqui-inimiga. O que o pai dela tinha a ver com isso?

— Estão procurando você desde o final de junho.

— Junho? — repeti, e o pânico ameaçou voltar com força total. — Do que você está falando? Estamos em abril.

E quem está me procurando? Hank Millar? Por quê?

— Abril? — Ele me olhou de um jeito estranho — Garota, estamos em setembro.

Setembro? Não. Não podia ser. Eu saberia se o ano escolar houvesse terminado. Saberia se as férias de verão tivessem chegado e acabado. Eu havia acordado alguns minutos antes, totalmente desorientada, sim, mas não tinha ficado idiota de repente.

Mas que motivo ele teria para mentir?

O homem baixou a lanterna, e pude vê-lo com clareza pela primeira vez. Seu jeans estava manchado, a barba não era feita há dias, as unhas eram compridas e tinham as pontas sujas. Ele era muito parecido com os vagabundos que perambulavam pelos trilhos da ferrovia e dormiam nas margens do rio durante os meses de verão. Todo mundo sabia que esses caras andavam armados.

— Tem razão, eu devia ir para casa — falei recuando, passando a mão por cima do bolso. Não senti o reconfortante volume do telefone celular. E também não encontrei as chaves do carro.

— Ei, aonde pensa que vai? — perguntou ele, seguindo-me.

Meu estômago reagiu ao movimento repentino, e comecei a correr. Corri na direção que o anjo de pedra apontava, esperando chegar ao portão sul. Teria sido melhor usar o portão norte, aquele que eu conhecia, mas para isso eu teria que correr na direção do homem com a lanterna, em vez de fugir dele. O chão se abriu sob meus pés, e eu caí encosta abaixo. Galhos arranharam meus braços; meus pés bateram contra o solo irregular e rochoso.

— Nora! — gritou o homem.

Eu me senti uma idiota por ter revelado que morava em Hawthorne Lane. E se ele me seguisse?

Seus passos eram mais longos que os meus, e eu podia ouvi-los atrás de mim, cada vez mais perto. Eu balançava os braços freneticamente, afastando os galhos que se enganchavam como garras em minhas roupas. Ele segurou meu ombro, e eu me virei, empurrando sua mão com violência.

— Não toque em mim!

— Espere um minuto. Eu disse que há uma recompensa, e pretendo recebê-la.

Ele tentou agarrar meu braço pela segunda vez e, inundada por uma descarga de adrenalina, chutei sua canela.

— Aaaaai! — gritou o homem, abaixando-se para segurar a perna.

Eu estava perplexa com minha violência, mas não tinha alternativa. Recuei alguns passos, cambaleando. Olhei rapidamente em volta, tentando me localizar e estudar as possibilidades. O suor que encharcava minha blusa escorria pelas costas, provocando um arrepio por todo o meu corpo. Alguma coisa ali estava errada. Mesmo com minha memória confusa, eu tinha um mapa preciso do cemitério em minha cabeça — estivera ali incontáveis vezes para visitar o túmulo de meu pai —, mas, apesar de o cemitério *parecer* familiar, inclusive por causa de detalhes como o cheiro envolvente de folhas queimando e da água parada do lago, *alguma coisa* no lugar me intrigava.

E então eu vi o que era.

As folhas das árvores estavam vermelhas. Era um sinal evidente da aproximação do outono. Mas isso não era possível. Estávamos em abril, não em setembro. Como as folhas podiam estar mudando? Seria verdade o que o homem dizia?

Olhei para trás e o vi mancando atrás de mim, segurando o celular contra a orelha.

— Sim, é ela. Tenho certeza. Saindo do cemitério pelo portão sul.

Continuei correndo, impelida por um medo renovado.

Pule a cerca. Procure uma área populosa e iluminada. Chame a polícia. Ligue para Vee...

Vee. Minha melhor amiga, a mais confiável. A casa dela ficava mais perto dali do que a minha. Decidi ir para lá. A mãe dela chamaria a polícia. Eu descreveria para

os policiais o homem que me perseguia, e eles o encontrariam. E o obrigariam a ficar longe de mim. Depois, eles me ajudariam a me lembrar de todos os eventos daquela noite, refazer meus passos, e, de alguma forma, as lacunas em minha memória seriam preenchidas, e eu teria alguma coisa em que me apoiar. Mandaria embora aquela versão confusa e apática de mim mesma, aquela sensação de estar suspensa em um mundo que era meu, mas me rejeitava.

Parei de correr apenas para pular a cerca do cemitério. Havia um campo a um quarteirão dali, bem ao lado da ponte Wentworth. Atravessaria aquela área e subiria as três ruas — Elm, Maple e Oak —, cortando caminho por travessas e quintais, até chegar à casa de Vee.

Eu corria para a ponte quando o som agudo de uma sirene explodiu na esquina mais próxima e dois faróis me obrigaram a parar. Uma luz azul girava sobre o teto do sedã, que freou ruidosamente do outro lado da ponte.

Meu primeiro impulso foi correr até lá e apontar para o policial a direção do cemitério, descrevendo o homem que havia tentado me pegar, mas enquanto pensava nisso fui invadida pelo pavor.

Talvez ele não fosse um policial. Talvez só estivesse fingindo ser um. Qualquer pessoa podia ter uma luz daquelas. Onde estava a identificação da viatura? De onde eu estava, apertando os olhos para tentar enxergar através do para-brisa, ele não parecia usar uniforme.

Todos esses pensamentos passaram muito rápido por minha cabeça.

Fui diminuindo a velocidade até parar na entrada da ponte, agarrando a mureta de pedra como apoio. Tinha certeza de que o suposto policial me vira, mas, mesmo assim, segui em frente, buscando a sombra das árvores que se curvavam sobre as margens do rio. Pelo canto do olho, notei que a água escura do rio Wentworth brilhava. Quando éramos crianças, Vee e eu passávamos horas abaixadas sob aquela mesma ponte, pescando lagostins perto da margem. Para isso, espetávamos pedaços de salsicha em varetas e as mergulhávamos na água. Os lagostins enfiavam as garras na salsicha e se recusavam a soltá-las, mesmo quando os retirávamos da água e os sacudíamos para colocá-los dentro de um balde.

O rio era profundo no meio. E também era bem escondido, seguindo sinuoso por áreas não urbanizadas, onde ninguém quis investir dinheiro em iluminação. No final desse campo, a água corria na direção do distrito industrial, passava por fábricas desativadas e seguia para o mar.

Por um momento pensei se havia em mim a coragem necessária para pular da ponte. Tinha pavor de altura e da sensação de queda, mas sabia nadar. Só precisava chegar à água...

Ouvi o barulho da porta de um carro, e o som me fez voltar ao presente. O homem havia descido da suposta viatura. Ele era elegante: tinha cabelos escuros encaracolados, e estava vestido formalmente, com camisa, calça e gravata preta.

Alguma coisa nele avivou minha memória. Porém, antes que eu pudesse trazer à tona a informação que surgia, minha mente se fechou de novo, e continuei perdida, confusa.

Galhos e gravetos cobriam o chão. Eu me abaixei e, quando ergui o corpo, estava segurando um galho com a metade da largura do meu braço.

O suposto oficial fingiu não ver minha arma, mas eu sabia que ele a havia notado. Depois de prender um distintivo da polícia à camisa, o homem levantou os braços à altura dos ombros. *Não vou machucar você*, o gesto dizia.

Eu não acreditava nele.

O sujeito avançou alguns passos lentamente, tomando cuidado para não fazer movimentos bruscos.

— Nora. Sou eu. — Tive um sobressalto quando ele disse meu nome. Nunca ouvira aquela voz antes, e isso fez meu coração bater tão forte que eu podia ouvi-lo claramente. — Está machucada?

Continuei olhando para ele com uma ansiedade cada vez maior, enquanto minha mente considerava diversas possibilidades. O distintivo podia ser falso. Eu já havia concluído que a luz em cima do carro era. Mas, se não era um policial, quem era ele?

— Liguei para sua mãe — continuou o homem, subindo devagar pela rampa da ponte. — Ela vai nos encontrar no hospital.

Não soltei o galho. Meus ombros subiam e desciam cada vez que eu respirava; sentia o ar passando por entre meus dentes. Mais uma gota de suor deslizou por minhas costas.

— Vai ficar tudo bem — disse ele. — Acabou. Não vou deixar ninguém machucar você. Agora está segura.

Eu não gostava dos passos longos, confiantes, nem do tom familiar que ele usava para falar comigo.

— Não se aproxime — avisei, o suor nas mãos me impedindo de segurar o galho apropriadamente.

Ele franziu o cenho:

— Nora?

A arma improvisada balançou na minha mão.

— Como sabe meu nome? — perguntei, tentando não demonstrar quanto estava assustada. Quanto *ele* me amedrontava.

— Sou eu — repetiu, olhando diretamente nos meus olhos, como se esperasse ver uma luz se acender. — Detetive Basso.

— Não conheço você.

Ele ficou em silêncio por um momento. Depois tentou uma nova abordagem.

— Consegue se lembrar de onde esteve?

Olhei para ele com desconfiança. Mergulhei mais fundo na memória, percorrendo os labirintos mais antigos e escuros, mas o rosto dele não estava lá. Eu não me lembrava daquele homem. E *queria* me lembrar. Queria alguma coisa — qualquer coisa — familiar a que pudesse me agarrar, um ponto de partida para tentar entender um mundo que, na minha opinião, fora deformado a ponto de se tornar irreconhecível.

— Como chegou ao cemitério? — perguntou ele, inclinando levemente a cabeça naquela direção. Seus movimentos eram cautelosos. Seus olhos também. Até a linha da boca era diplomática. — Alguém a levou? Você foi andando? — Ele esperou. — Preciso saber, Nora. Isso é importante. O que aconteceu?

Eu *adoraria saber*.

Uma onda de náusea se moveu dentro de mim.

— Quero ir para casa.

Ouvi um barulho perto dos meus pés. Tarde demais, percebi que havia deixado o galho cair. Sentia o vento em minhas mãos vazias. Eu não devia estar ali. Toda a noite era um grande engano.

Não. Não toda a noite. O que eu sabia dela? Não conseguia me lembrar de tudo. Minha única recordação era ter acordado em cima de um túmulo, desorientada e com frio.

Vi mentalmente a casa de fazenda, segura, quente e *real*, e senti uma lágrima correndo pelo contorno do meu nariz.

— Posso levar você para casa. — Ele assentiu, solidário. — Só preciso que vá ao hospital primeiro.

Fechei os olhos com força, odiando me sentir reduzida às lágrimas. Não conseguia pensar em maneira melhor ou mais rápida de mostrar ao homem quanto eu estava apavorada.

Ele suspirou — um som muito suave, como se quisesse encontrar um jeito de não ter de dar as notícias que trazia.

— Você ficou desaparecida por onze semanas, Nora. Está ouvindo? Ninguém sabe onde você passou os últimos três meses. Precisa de cuidados. Precisamos ter certeza de que você está bem.

Olhei para ele sem realmente vê-lo. Sinos badalavam dentro dos meus ouvidos, mas soavam muito distantes. Uma nova onda de náusea brotou do fundo do meu

estômago, mas tentei me controlar. Já estava chorando na frente daquele homem, não precisava vomitar também.

— Pensamos que você havia sido sequestrada — ele contou com o rosto inexpressivo. Havia percorrido o restante da distância que nos separava, e agora estava perto demais. Dizendo coisas que eu não conseguia entender. — Raptada.

Eu pisquei. Apenas continuei ali parada e pisquei.

Uma estranha sensação envolveu meu coração, uma inquietação intensa. Meu corpo ficou leve, como se eu flutuasse no ar. Vi o brilho dourado da iluminação da rua sobre mim, ouvi o rio correndo sob a ponte, senti o cheiro de fumaça que se desprendia do carro dele, ainda com o motor ligado. Mas tudo isso compunha um ruído de fundo. Um cenário nebuloso.

E, depois desse único e breve aviso, eu me senti balançar, balançar... E cair no nada.

Perdi a consciência antes de chegar ao chão.